N.º 17 — 12 de Maio de 1915

A IDEIA NACIONAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

N.º 17 12 de Maio de 1915 ANNO I.º

A IDEIA NACIONAL

REVISTA POLITICA BI-SEMANAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

SUMMARIO

EDITOR-ADMINISTRADOR: Antonio Rocha. Propriedade de Homem Christo Filho. Redacção, administração e officinas de comp. e imp. Rua de Arnellas — AVEIRO. Escriptorio em Lisboa — R. da Emenda, 30.

Escrevem n'A IDEIA NACIONAL:

Ramalho Ortigão

Conselheiro Ayres de Ornellas

Homem Christo
(Cartas de Longe)

Conselheiro Luiz de Magalhães
(Politica Interna)

Lord Henry
(Philosophia Politica)

Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
(Questões Diplomaticas)

João do Amaral
(O Meu Diario)

Conde de Sabugosa

Conselheiro D. Luiz de Castro

Lourenço Cayolla
(Questões coloniaes)

Antonio Emilio d'Almeida Azevedo
(Questões Juridicas)

Rocha Martins

Conselheiro Anselmo Vieira
(Questões Financeiras)

G. Jean Aubry
(Questões Extrangeiras)

Alberto Pinheiro Torres
(Questões Religiosas)

Victor Falcão
(Notas Politicas)

Etc., etc.

Toda a correspondencia relativa a esta Revista deve ser dirigida ao DIRECTOR. — Cada exemplar d'A IDEIA NACIONAL custa 50 reis.

Revista Politica

POR

HOMEM CHRISTO FILHO

A anarchia

A inauguração do Centro Monarchico Academico de Coimbra e o primeiro jantar mensal dos collaboradores d'*A Ideia Nacional* que no mesmo dia se realisou n'aquella cidade, foram duas imponentissimas manifestações, quer pela qualidade, quer pelo numero das pessoas que n'ellas tomaram parte.

Não podemos referir-nos hoje largamente, por falta de tempo, aos tumultos e attentados pessoaes provocados e commettidos pela canalha republicana dos bandos unionista, evolucionista e democratico, na occasião d'aquellas duas festas. Queremos tratar a questão com vagar e relatar os factos com todos os seus pormenores, esperando poder fornecer aos leitores no proximo sabbado informações interessantissimas.

Os tumultos e attentados de Coimbra de que resultou ficarem feridas algumas das figuras mais prestigiosas da Causa Monarchica, repetiram-se ante-hontem em Santarem e em Lisboa. Estamos de novo em plena anarchia, anarchia a que o governo do snr. Pimenta de Castro não pode ou não quer pôr termo. Estamos de novo á mercê da canalha de todos os partidos da Republica que impunemente insulta, apedreja e ataca a tiro nas ruas os monarchicos sem

que da nossa parte tenha havido o minimo acto de provocação, o minimo desrespeito á lei.

N'estas condições a attitude dos monarchicos tem que modificar-se. No proximo artigo diremos o que a este respeito pensamos.

O primeiro jantar mensal

Dos collaboradores d'A Ideia Nacional

O primeiro jantar mensal d'*A Ideia Nacional* que, como noticiámos, se realisou no domingo em Coimbra, mau grado as arruaças e os cobardissimos attentados provocados e commettidos pela *canalha*, foi uma festa brilhantissima.

A's sete horas da noite já o *Palace Hotel* estava repleto de convidados. Presidiu o senhor conselheiro Ayres de Ornellas; tomando logar na meza de honra os senhores Conde de Bertiandos, conselheiro José de Azevedo Castello Branco, João d'Almeida, o heroe dos Dembos, Conselheiro Antonio Cabral, Dr. Carlos Braga, Conde de Vinhó e Almedina, Dr. Antonio Sardinha, Dr. Pires de Lima, João do Amaral, Dr. Luiz d'Almeida Braga, Dr. Alberto Monsaraz, Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Conde da Ponte, Francisco Ramalho, Conselheiro José Jardim, Dr. Perry Vidal, Conselheiro Costa Allemão, professor e antigo Reitor da

Universidade, Conde da Aurora e D. José Manoel de Noronha e Tavora.

Iniciou os brindes o nosso illustre collaborador snr. Conselheiro Ayres de Ornellas que pronunciou um discurso notabilissimo e definiu o papel d'*A Ideia Nacional* na imprensa portugueza, dizendo que elle é inconfundivel e que é necessario que em volta d'esta explendida revista politica, redigida pelas mais altas mentalidades portuguezas, se congreguem todos os esforços dos defensores da causa conservadora e da «*ideia nacional*».

Faz a historia das suas relações com Homem Christo Filho a quem tece os mais rasgados elogios, lembrando os «serviços inegualaveis» por elle prestados á causa monarchica, quer no extrangeiro quer em Portugal e termina bebendo á saude do nosso director e ás prosperidades d'esta revista.

Em seguida usa da palavra o nosso querido amigo snr. João do Amaral que sauda em Homem Christo Filho o mais intemerato, o mais decidido, o mais energico dos jornalistas monarchicos, prestando homenagem ás suas raras virtudes de intelligencia e de caracter, lembrando os tempos em que trabalhou sob a sua direcção n'*A Restauração* de que conserva a mais saudosa lembrança e a mais grata recordação.

João do Amaral lê em seguida alguns telegrammas e cartas de solidariedade, pedindo desculpa de não lêr os restantes por serem mais de mil vindos de todos os pontos do paiz.

Levanta-se depois o nobre Conde de Bertiandos, figura admiravel da velha aristocracia portugueza, mais impressionante ainda com as ligaduras que lhe envolvem a cabeça ferida por uma pedrada traiçoeira.

O snr. Conde de Bertiandos declara nunca ter experimentado na sua vida commoção mais viva do que quando ouviu, horas antes, as palavras pronunciadas no theatro Souza Bastos por Homem Christo Filho que teve coragem para se vencer a si mesmo, calcando o seu orgulho, terrivel inimigo da verdade, para confessar publicamente os seus erros passados quando estudante da Universidade.

Usa da palavra em seguida o snr. Conselheiro José de

Azevedo Castello Branco que analysa a influencia da imprensa na vida dos povos, faz a historia da acção politica e jornalistica de Homem Christo Filho no exilio e o anno passado na *Restauração*. Brinda aos snrs. Moreira d'Almeida, Annibal Soares e Homem Christo Filho.

Falam ainda os snrs. Luiz d'Almeida Braga, Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Dr. Carvalho Lucas, Conselheiro José de Azevedo que levanta a sua taça em honra de Suas Magestades El-Rei D. Manuel e Rainha Augusta Victoria, o snr. conde de Bertiandos em honra de Sua Magestade a Rainha D. Amelia.

Por fim levanta-se o director d'*A Ideia Nacional* que agradece em breves e sentidas palavras as immerecidas homenagens dos seus illustres collaboradores, e se felicita por ter organisado aquella festa de que sahem mais animosos ainda e mais unidos os collaboradores d'*A Ideia Nacional* e pede licença ao senhor conselheiro Ayres de Ornellas para propôr que seja enviado a Sua Magestade El-Rei D. Manuel o telegramma seguinte:

«*Os collaboradores d'A «Ideia Nacional» reunidos pela primeira vez em Coimbra sob a presidencia do senhor Conselheiro Ayres de Ornellas, saudam respeitosamente Vossa Magestade e toda a Familia Real e affirmam*-lhe *a sua incondicional fidelidade e dedicação.*—O director: Homem Christo Filho.

Assim terminou o primeiro jantar d'*A Ideia Nacional* em que tomaram parte não só os principaes vultos do partido monarchico vindos expressamente de Lisboa como ainda todos os influentes politicos do districto de Coimbra e grande numero de estudantes.

No proximo numero publicaremos os nomes dos assistentes e os telegrammas e cartas dirigidos ao nosso director.

Philosophia Politica

POR

ALFREDO PIMENTA

A primeira obra

Ensinou Augusto Comte, e confirmado o tem a experiencia, que é esteril e vã toda a transformação politico-social que não seja precedida de uma conveniente e sensata transformação das opiniões e dos costumes. Pode um povo transformar-se quantas vezes quizer, e soffrer todas e as mais intensas modificações na sua vida politico-social, isto é, nas suas leis organicas, nas suas leis constitucionaes, que se não tiver sentido uma transformação anterior do seu criterio mental e da sua vida moral,—fica sempre o mesmo, sempre o que era, anteriormente a taes modificações. A questão politica, como a questão social, é, primeiro que tudo uma questão de ordem moral. Se os regimens podem ter influencia nos destinos dos povos, é precisamente porque elles suppõem tendencias moraes especificas e privativas da sua maneira de ser. Porisso elles preparam, para seu normal e efficaz advento, a atmosphera moral do povo em que pretendem integrar-se. Saber preparar essa atmosphera é a grande sciencia, é a difficil sciencia. E porque, por tão difficil que é, raramente os regimens conseguem attingir esse fim, acontece que quasi sempre teem falhado as innovações politicas e sociaes. A preparação mais facil é a preparação negativista, e porisso a ella recorrem todas as forças politicas, lançando-se cegamente na propaganda anarchica e dissolvente de todos os negativismos que jamais gerou situação notavel

e fecunda: só gera ruina, desconsolo, descredito. A acção negativista, como o leitor naturalmente sabe, consiste em dizer mal, em dizer apenas mal. Nada serve, nada presta, tudo é inferior. Para o negativista, não existe o *bom:* para elle, só existe o pessimo. Tudo é pessimo. D'ahi a critica facil, a critica systhematica, a negação inabalavel. O negativista não poupa homens, nem factos, nem doutrinas. Para elle tudo é mau. E se depois da destruição de tudo quanto o embaraçara, o negativista se encontra a desempenhar funcções positivas, immediatamente passa a negar-se a si proprio, e a crear-se constantemente motivos de conflicto, e pretextos de antinomias. Um povo educado em negativismos, é um povo enleiado nas teias de uma clamorosa anarchia. Ora quando uma nação cae em estado de anarchia — ou desapparece pela dissolução ou desapparece pela absorpção, ou resiste pela tyrannia que se forma. Porque o primeiro elemento que o Negativismo corroe e abala, é o principio da Auctoridade. Um povo em que o principio da Auctoridade é debil — é um povo que não pode viver por si, certo como é sociologicamente que só se manteem os organismos em que o principio da Auctoridade hierarchica é inflexivelmente respeitado. Ora como a Auctoridade não é uma abstracção, pois se corporisa nos orgãos normaes e, uma vez afastados estes, ella é impossivel de conceber-se, succede que tudo quanto se faça em prejuizo do conceito publico em que são tidos os orgãos da Auctoridade, em prejuizo d'ella é, e, portanto, em grave prejuizo da Ordem — base essencial na vida dos povos. A propaganda achincalhante e calumniosa que se faça contra os detentores legitimos do poder, isto é, contra os detentores necessarios, os agentes competentes da auctoridade, é criminosa, e invalidos todos os esforços organicos e disciplinadores que mais tarde esses propagandistas porventura se lembrem de empregar. N'outro estudo, eu direi o que entendo por detentores legitimos do poder — pois não basta deter o poder, para se considerar legitimo agente de auctoridade. Tambem o usurpador o detem e não é agente legitimo. Mas considero perigoso o achincalhamento excessivo e systhematico mesmo do usurpador, pela facilidade com que o espirito publico, simplista, impulsivo e irreflectido, confunde usurpador e agente legitimo, e se deixa levar na tentadora corrente da dissolução e anarchia. E' claro que este perigo é muito maior nos chamados povos latinos do que nos povos nordicos. E assim é que muito vulgarmente se observa n'aquelles povos o espectaculo deprimente de se verem pelas ruas da amargura, victimas da linguagem mais impropria, os chefes de Estado, os poderes do Estado, as altas personalidades, que, para bem de

todos, de amigos e adversarios, deviam manter um prestigio moral acima de toda a discussão. N'esses povos se observa vulgarmente que, por dez reis de mel coado, por dá cá aquella palha (perdoem-me estas expressões de uso commum), uma creatura é logo tudo — desde faccinora a burro. Esta predisposição para o exagero da maledicencia, que arrasta a predisposição para o excesso de lisonja — é o symptoma mais evidente do descoramento moral de um paiz, consequencia fatal do debilitamento do seu espirito critico, proveniente do seu negativismo systhematico. Ora assim como se faz esta preparação negativista da athmosphera moral de um povo, preparação, a todos os titulos, nefasta, tambem se podia pensar em fazer uma preparação sensata e normal, positiva e convergente. Ella consistirá em espalhar a confiança entre os individuos, em desenvolver o sentimento do respeito mutuo, em fomentar o principio da tolerancia, em fazer dos homens cooperadores do mesmo ideal, não desenvolvendo os problemas que os separam, antes engrandecendo os problemas que os unem. Porque um paiz, politicamente só pode progredir e viver, pela concordia dos cidadãos. Quando se fala em concordia, evidentemente que se não quer dizer uniformidade perfeita de pareceres e juizos e sentimentos. Mas quer-se dizer uniformidade de propositos e intenções. Se A é adversario de B, nem porisso considerará o segundo um criminoso digno de que se lhe cortem as mãos, como o segundo não terá o primeiro na conta de uma creatura que só é digna da forca. Antes um e outro se convencerão de que um e outro são animados da melhor boa fé, dos melhores propositos, das mais patrioticas e honestas intenções — é claro que emquanto os actos de um ou de outro não demonstrarem, evidentemente, o contrario. A systhematica suspeição, a permanente desconfiança criam um estado tal de desaggregamento que difficilmente pode recompôr-se uma acção organisada e disciplinada. Quero eu dizer na minha, e a isso vim, que sempre que se queira transformar politicamente um povo, devemos começar por transformar as suas opiniões e os seus costumes. Se o não fizermos — a situação permanece identica qnaesquer que sejam as côres da bandeira que fluctue sobre essa transformação, e qualquer que seja o rotulo que se exhiba. Quando um homem bem intencionado, isto é, sem ambições inconfessaveis e mesquinhas, se abalança a contribuir para a transformação politica de um paiz, a primeira coisa que deve fazer é conhecer a natureza e a orientação das opiniões e dos costumes d'esse paiz. Se tanto as primeiras como as segundas estão em desharmonia com a transformação possivel que esse homem deseja, todo o seu trabalho immediato será

tendente a adaptar as opiniões e os costumes ao futuro novo estado de coisas. Por que se tem começado sempre pelo fim, é que a Epocha contemporanea anda ás aranhas, victima da mais desconsolada desorientação que é possivel suppôr-se. Se o preceito comteano tivesse sido seguido á risca — a esta hora muitas coisas se não teriam dado, e muitas outras teriam tomado um rumo differente do que tomaram.

Cartas de Longe

POR

HOMEM CHRISTO

Instrucção publica

Um amigo meu, emigrado, querendo ter junto de si seu filho mais novo, mandou-o vir de Portugal. O rapaz tinha completado ahi o 4.º anno dos lyceus. O pae queria matricula-lo aqui em *seconde,* pela ordem numerica o nosso 5.º anno. Mas como resolver esse problema complicado?

Havia dois caminhos a seguir: ou o rapaz continuava em França ou não continuava. Não continuava, e estudando aqui ia fazer no fim, como externo, o seu exame a Portugal? Mas a historia, a geographia, o latim, o francês, o inglês, *tudo,* que se estuda aqui em *seconde,* não é a mesma historia, a mesma geographia, o mesmo latim, o mesmo francês e o mesmo inglês que se estuda no 5.º anno em Portugal. Certamente, o rapaz ficava sabendo *mais* francês, *mais* inglês, *mais* latim, etc., que o que se estuda no 5.º anno entre nós. Mas sabendo *mais,* poderia acontecer, e era facil, que fosse ahi fazer um mau exame. Os livros são differentes, e isso basta. Traduzir um trecho de latim que nunca se estudou, de francês ou inglês *á primeira vista,* embora de livros mais faceis, não é o mesmo que traduzir licções vistas, repetidas e batidas. Salvo quando se é um *latinista,* quando se sabe francês ou inglês a fundo, o que não era, manifestamente, nem podia ser, o caso d'um simples principiante como o alumno de quem se trata.

Continuava em França e aqui ia seguindo os seus estudos até ao bacharelado? N'esse caso, como vencer o anno se elle não trazia de Portugal a preparação necessaria? O rapaz sabia o francês dos nossos lyceus. Com o francez dos nossos lyceus, como acompanhar o ensino, todo o ensino, *feito em francês,* e em *seconde,* n'um lyceu de França?

Como falar francês? Como fazer traducções escriptas de latim para francês, d'inglês, para francês, o que era muitissimo peor? Como fazer exercicios, como fazer *devoirs,* em francês, sobre algebra, geometria, physica, chimica, sobre lingua e litteratura francesa, sobre geographia e historia? Como sahir d'essa rascada?

Era uma difficuldade dos diabos. O ensino das linguas extrangeiras, aqui, ao mesmo tempo que é theorico é pratico. Os alumnos d'inglês e allemão, em *seconde* e *prémière,* só falam, em regra, inglez e allemão durante a aula. O rapaz sabia lá falar inglez, que era das duas linguas vivas a que elle preferira em Portugal!

O pae foi ter com o reitor. O reitor não viu maneira de resolver o caso. Achava o rapaz, para *seconde,* muito atrazado. Talvez seja possivel, objectou o pae, sendo o rapaz auxiliado por explicadores particulares. «Não creio, replicou o reitor. Comtudo, experimentemos, se quizer.» Experimentou-se. E querem ouvir? *O rapaz venceu tudo menos o latim.* Menos o latim, oiçam bem!

O rapaz trabalhou como um homem. O rapaz não era estupido. Figurou sempre no *tableau d'honneur,* distincção só concedida aos alumnos intelligentes, trabalhadores, de boa conducta, applicados. O *tableau d'honneur* apparece duas vezes em cada trimestre. Quatro vezes o nome do rapaz veio no *tableu d'honneur* até á paschoa. No boletim trimestral, com a opinião de todos os professores e do reitor, que é distribuido aos paes dos alumnos, dizia o professor de mathematica em 31 de dezembro: *Elève courageux; reussirait très bien s'il pouvait prendre des notes.* Não tomava notas porque, é claro, não sabia para isso, ainda, o francês sufficiente. O professor de physica dizia: *Bon élève.* O professor d'inglez: *élève travailleur et sérieux: a fait des progrés.* O professor de geographia e de historia: *il travaille.* O professor de francês e de latim: *n'est pas encore en état de suivre la classe, malgré beaucoup de bonne volonté.* O reitor: *Il tire un bon parti de son séjour dans cette classe dans des conditions toutes spéciales.*

Não extranhem os leitores que desçâmos a estas minuciosidades, que só assim se chega a conclusões convincentes, á prova necessaria. E se, no caso particular de que se trata, descemos a ellas, é para que se veja bem que o alumno em questão não *peccava* nem *falhava* por estupidez ou mandrice, por falta de diligencia ou trabalho. O boletim seguinte, o de 31 de março, é melhor *em tudo* que o de 31 de dezembro. O rapaz tem 19 e 20 valores, em conducta, em todas as aulas. Tem de 14 a 19 em applicação, duas notas de 14, duas de 15, uma de 17 e duas

de 19. Tem de 12 a 18 em licções, excepto em latim onde tem 8. Todos os professores melhoram e augmentam as apreciações feitas em 31 de dezembro; os professores e o reitor. Mas o de francês e o de latim, professor ao mesmo tempo das duas disciplinas, escreve: *Progrès marqués en français et en latin. Toutefois en latin il reste bien au dessous du niveau de la classe.*

Comparem estas duas apreciações do professor de francês e de latim em 31 de dezembro e em 31 de março, que a conclusão é preciosa. O professor, reputado no lyceu de que se trata muito rigoroso, mas tambem muito consciencioso e distinctissimo, regista sempre o louvavel esforço do alumno. Faz justiça á sua intelligencia e ao seu trabalho. Em 31 de março já o considera a par, em francês, dos alumnos francêses, o que representa uma conquista admiravel. Reconhece os seus progressos assignalados *(marqués)* no proprio latim. Todavia, aqui ainda está *muito abaixo do nivel da sua classe.* Quer dizer, tudo o mais o alumno vencerá até ao fim do anno. Em francês, passará adeante de muitos dos seus proprios condiscipulos francêses. Já deixava alguns á esquerda (o boletim tem uma casa onde se regista o logar que o alumno vae occupando em cada aula) em 31 de março. Mas em latim, apesar do seu estudo, do seu trabalho, da sua intelligencia, do seu esforço aturado, ainda está *muito abaixo do nivel da classe* e, manifestamente, não triumphará. Tamanha é a desproporção entre o ensino do latim em França e o ensino do latim em Portugal!

Pois como havia elle de attingir o nivel da classe, se os seus condiscipulos francêses já tinham *quatro annos* de latim em França contra um, apenas, que elle tinha em Portugal? O proprio professor francês pasmava da differença. Ouvi-lh'o eu, certo dia em que, com o pae do alumno, o procurei. «O que me espanta, dizia-nos, é o abandono em que cahiu o latim em Portugal. Não comprehendo como um paiz latino despreza assim a lingua mãe! O rapaz não sabia muito de francês. Mas vamos, que theoricamente sabia mais do que eu esperava. E' pena que o ensino theorico do francês não seja acompanhado do ensino pratico em Portugal. Entretanto, vejo que no paiz dos senhores *se estuda francês.* O estudo do latim é que deixa muito a desejar».

Tenho na minha frente todos os livros de latim, e em latim, versados em *seconde,* no lyceu onde o rapaz de quem falo está matriculado. E' o Virgilio (Bucolicas, Georgicas, Eneida), um volume de 742 paginas, precedido d'um estudo critico sobre o auctor por Sainte-Beuve, da academia francesa, e cheio de notas preciosas. E' o Horacio *(Oeuvres d'Ho-*

race) com um estudo biographico e litterario sobre o poeta, noticia sobre a metrica e a prosodia nas *Odes* e nos *Epodos*, notas criticas e explicativas, um bello volume de 644 paginas. E' o Tito Livio *(Titi-Livii Ab Urbe Condita, Libri XXI, XXII)* com uma noticia sobre a vida e as obras de Tito Livio, com notas criticas e explicativas, com observações sobre a lingua, com um indice dos nomes proprios historicos e geographicos e das antiguidades, com tres cartas geographicas e illustrações dos monumentos, outro bello volume de 379 paginas. E' a Anthologia dos Poetas Latinos *(Anthologie des Poètes Latins, Lucain, Silius, Stace, Ausone, Claudien, Juvenal, Perse, Martial, Catulle, Tibulle, Properce, Ovide—texte latin—publié avec des notices, des sommaires et des notes)*, mais um bello volume de 483 paginas. E' *Pages et Pensées Morales, extraites des auteurs latins, annotées, texte latin*, com trechos de Seneca, Valerio Maximo, Cicero (d'estes numerosos) e de Sallustio para as classes de *quatrième* e *trovisième;* e com trechos de Cicero ainda (muitos trechos), de Seneca, de Tacito, de Quintiliano, de Lucrecio, de Horacio, de Lucano, de Silvius Italicus, de Juvenal (numerosos), e de Claudiano, para a classe de *seconde*. E', emfim, o unico de texto francês porque todos os outros são de texto latino, *Histoire de la Littérature Latine*, volume de 393 paginas.

E' claro que nem todos estes livros são dados inteiramente. Não havia tempo para tanto. Uns são seguidos do principio ao fim. D'outros, só se estudam alguns capitulos ou alguns trechos á escolha do professor. Mas por elles se vê o que os alumnos já estudaram nos annos anteriores e o que virão a estudar nos annos seguintes. Vejamos agora a linda preparação que o pobre alumno português trazia de Portugal para tudo isso. Programma da 4.ª classe de latim nos lyceus portuguêses: «Estudo pratico, e sem particularidades ou excepções minuciosas, da flexão nominal e verbal. Palavras inflexivas. Generalidades sobre concordancia e sobre a syntaxe dos casos. Acquisição systematisada de vocabulos. Pronunciação usual do latim». Era isto!

Vejamos tambem o que no nosso 5.º anno se oppõe *á metralha* que ahi fica, quero dizer, ao que se estuda em França em *seconde*, que é, seguida a ordem numerica, o 5.º anno português. «Revisão da flexão nominal e verbal, com as principaes excepções e particularidades. Composição e derivação. Regras geraes da quantidade. Regras geraes do emprego das palavras inflexivas. Desenvolvimento da syntaxe dos casos e generalidade da syntaxe dos modos e tempos. Acquisição systematisada de vocabulos. Retroversões».

Este programma do 5.º anno, como o do 4.º, é acompanhado das observações seguintes: «O estudo da grammatica será feito desde o principio sobre exercicios de versão de latim para português e de português para latim, e terá apenas o desenvolvimento necessario para a comprehensão grammatical d'elles. No livro de exercicios, alem dos destinados ao estudo da flexão nominal e verbal nas duas classes, haverá uma collecção ordenada de pequenos trechos, em latim e português, adequados á exemplificação das regras grammaticaes e em ligação com os costumes e historia dos gregos e romanos; e ainda trechos simples de *Cornelio Nepos* e fabulas de *Phedro*».

Para primeiro e segundo anno de latim em 1.ª e 2.ª classes do lyceu, com continuação em 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª, *para todos os cursos*, cumprido á risca não seria mau. E dizemos *cumprido á risca*, porque, para cumulo de desgraças, nem os programmas, já tão minguados, se cumprem entre nós. Como preparação para o curso complementar deletras, é um sarcasmo. De lettras! Chamam a isso curso de letras, estudando-se latim e historia pela fórma que narrámos! E como *unica* instrucção de latim para o curso complementar de sciencias, é uma inutilidade vergonhosa

Supprimam-no, que é mais digno e mais logico. E' asado repetir para o latim o que já disse para a historia. Supprimam-no. Acabem de vez com todas essas hypocrisias que nos prejudicam e rebaixam. Que nos degradam aos olhos dos extranhos. Que desmoralisam e polluem, cada vez mais, o caracter nacional.

Supprimam o ensino do latim. Supprimam o ensino da historia. Fóra a tróça, que de tróças e ludibrios — ludibriada constantemente em tudo e por todos, com cynismo revoltante — está farta essa terra desgraçada. Supprimam o ensino da propria lingua portuguesa, dado aos que seguem os cursos scientificos, como já o demonstrei, em condições ridiculas, caricatas, direi mesmo *deshonrosas*. Supprimam tudo. E deixem ao Ligorio, genuina encarnação não da patria republicana, somente, mas de toda essa patria nos ultimos trinta annos, d'essa decadencia apulhada, reles, suja, porca, desde que a hegemonia de Palmella se firmou em Portugal, e deixem a essa besta com o delirio de grande homem mais o encargo... de *decretar doutores*. Ao menos, serão logicos e harmonicos.

Seja qual fôr o aspecto sob que se encare o nosso ensino secundario, é, todo elle, uma lastima. Corre, como tudo, á matroca. A par da mais negra tyrannia sempre o regimen da mais espantosa desordem. Sempre o abandono, o desleixo, o desprezo pelas coisas mais sagradas, a desorientação, o arbitrio, a phantasia estrambotica. Aqui tenho deante

de mim uma grammatica portuguesa que é mais um documento em reforço d'estas verdades. Não tenho a mais insignificante má vontade ao seu auctor, o snr. Ribeiro de Vasconcellos. Ao contrario, considero-o um erudito e penso que é um homem trabalhador e sério. Mas não posso deixar de combater a má orientação, a pessima orientação, serei justo dizendo *a inferioridade mental,* que leva tanta gente n'esse paiz a querer distinguir-se por idéas caprichosas. O portuguezinho tem muito a preoccupação da novidade. O portuguezinho quer ser original a todo o transe. Ora a originalidade pela originalidade é sempre estupida e caricata. Como se dizia n'essa terra antes de se ter perdido o juizo, tudo tem a sua occasião e o seu logar. Ha novidades intelligentes e ha novidades estupidas. Ha novidades que moralisam e educam e ha novidades que desmoralisam e *deseducam.* Ha idéas acertadas e ha idéas asnaticas. Ha reformas necessarias e ha reformas que só conseguem anarchizar.

O snr. Ribeiro de Vasconcellos, no seu compendio, altera profundamente o vocabulario grammatical. Para quê? Porquê? Que motivo imperioso determinou o snr. Ribeiro de Vasconcellos a esse passo arriscado? O snr. Ribeiro de Vasconcellos divide a morphologia em lexiologia, *thématologia* e *camptologia.* Eu já disse, mas repito-o, que não sei nada de grammatica. Não é modestia, tambem já o disse. E' a verdade. Comtudo, se não é modestia, tambem não será immodestia accrescentar que, *não sabendo nada,* ainda assim sei mais que os alumnos da 3.ª, 4.ª e 5.ª classes dos lyceus a quem o snr. Ribeiro de Vasconcellos dedica a sua grammatica. Pois confesso que com a tal *thématologia* e *camptologia* fiquei... *banzado!* Como hão-de os rapazes comprehender aquillo de que os homens com mais pratica e conhecimentos da lingua não comprehendem nada? Eu não comprehendi nada. Fui ao *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza* e encontrei o mais profundo silencio em volta do enygma. Fui ao *Novo Diccionario* do snr. Candido de Figueiredo e vi que este se limita a registar que o termo *thématologia* é invenção do snr. Ribeiro de Vasconcellos e que sobre *camptologia* não diz nem palavra. Depois benzi-me e prosegui na leitura da grammatica. Manifestamente, porem, aquillo não é obra de christão. Aquillo é obra do diabo, que, depois de ter inspirado a reforma de 1905, ainda inspira taes grammaticas.

Alem da thématologia e da camptologia o auctor cria os *aoristos,* o auctor mette os adjectivos nos nomes, o auctor mette os artigos nos pronomes, manda as interjeições não sei para onde, emfim, faz tabúa rasa das tradicções grammaticaes... *Cesse tudo o que a Musa antiga canta que outro valor mais alto se alevanta.*

E' a França, ainda, a culpada d'essa demagogia dos grammaticos? Foi ella quem deu o exemplo d'essa phantasia brava? Vamos ver.

Um decreto ministerial de 25 de Julho de 1910 fixou em França a nomenclatura grammatical. E n'uma circular de 28 de Setembro do mesmo anno, dizia o ministro respectivo, apoiando-se nas palavras da commissão encarregada d'estudar a nova nomenclatura e no parecer do conselho superior d'instrucção publica:

Nous nous sommes attachés à ne pas employer de **termes nouveaux** *et à choisir, pour désigner un fait ou un groupe de faits, un seul terme, à l'exclusion des autres termes similaires.*

De plus, nous nous sommes tenus à la seule grammaire française, estimant qu'en l'état actuel de la science internationale, les besoins des autres langues ne sont pas exactement les mêmes et qu'il appartient aux *professeurs de latin, de grec, d'allemand, d'anglais, etc. d'ajouter au moment opportun ce qu'i leur parait nécessaire. D'ailleurs, les mots que nous conservons ne se recommandent ni par leur signification propre, ni par leur valeur historique; tout le mond sait que le vocabulaire grammatical laisse beaucoup à désirer; la pluspart des termes employés ont un sens très vague: article, pronom, adverbe; quelques-uns n'eut ont point du tout: imparfait, plus-que-parfait, subjonctif.* **Mais ils servent depuis longtemps, ils sont appuyés sur des habitudes, des traditions, et on ne peut pas, pour le moment, les remplacer par d'autres.** *Tels quels, ils suffisent pour l'enseignement élémentaire de la grammaire».*

Reparem n'isto, attentem nas palavras que deixamos transcriptas em normando e digam-nos mais uma vez se foi a França, tão odiada por gente má ou estupida, que levou a anarchia a todos os espiritos e a todas as coisas n'essa infeliz terra portuguêsa. A França, onde o mais demagogo é mais conservador que o mais ferrenho conservador portuguez. Se é que n'essa terra ha conservadores ou radicaes, de que duvido vivamente. Eu, pelo menos, com rarissimas excepções, nunca ahi conheci senão especuladores da mais infima especie, senão politiqueiros sem cerebro e sem alma, senão pobres homens deixando-se embair com as tretas e os *trucs* mais grosseiros, senão nephelibatas com a cabeça cheia de minhocas, n'uma palavra: senão parvos ou tratantes.

Homem Christo

Chronica da semana

POR

JOÃO DO AMARAL

O MEU DIARIO

3 de Abril

O Congresso da União Republicana reunido agora em Lisboa foi apenas uma razoavel parada de forças partidarias, segundo se deprehende das gazetas. Percorro, na *Lucta,* as theses propostas e approvadas e não consigo descobrir nada que possa tranquilisar o espirito publico, quer remediando a deficiencia da nossa defeza militar, quer occorrendo ás incertezas da nossa vida economica, quer solucionando o conflicto existente entre os catholicos e o actual regimen. Sobre um ou outro d'estes assumptos apenas encontro os gágáismos do snr. coronel Abel Hippolito falando da *nação armada* como qualquer Antonio Zé á paizana, ou os *acacismos* do inclito cidadão Menezes.

Porem, no ponto de vista politico, fizeram-se affirmações peremptorias: assentou-se em que a União determinaria a sua conducta pelo criterio d'uma firme defeza republicana.

Seria opportuno dizer ao paiz o que é que estes senhores camachistas entendem por defeza republicana. Para tanto bastaria recordar esse doloroso anno de 1913, e horas angustiosas que viveram então todos quantos, n'este mingoado palmo de terra portugueza, tinham o triste orgulho de não pensar como pensavam os senhores Affonso Costa e Brito Camacho. Assim os proprietarios lembrariam as leis da contribuição predial e a tyrannia arruaceira que lhes impediu o minimo protesto. Os operarios evocariam o encerramento da sua Casa Syndical, o cerco da rua Formosa, os lugubres vexames impostos á sua

liberdade de cidadãos, á sua dignidade de profissionaes, e a vil perseguição que em tudo lhes moveram os dois partidos republicanos conluiados. Nós, os jornalistas, republicanos, monarchicos ou d'outra filiação qualquer, poderiamos contar os minutos de sagrada revolta que soffremos quando diariamente, quasi, a pata ferrada dos governantes impunha silencio aos protestos da nossa consciencia, amordaçando-nos, algemando-nos e roubando-nos como gatunos fardados de policias. Poderiam ainda recordal-o aquelles que viram os carceres repletos ou tiveram alguem que muito amassem na humida agonia d'uma cella.

N'esse anno da desgraça de 1913, o snr. Brito Camacho houve por bem definir e praticar o seu conceito de defeza republicana; sobre este ponto, ninguem pode desde então allegar ignorancia...

5 de Abril

Assisti hontem a um serão musical e litterario, promovido pelo Instituto de Coimbra e onde concorreram o poeta Affonso Lopes Vieira e trez gentilissimas filhas de Rey Collaço. Cuido ser usança deixar á porta a liberdade critica quando se entra em festas d'este jaez, muito embora o preço do bilhete devesse referir-se não sómente ao direito de ouvir e ver, mas tambem ao sacratissimo direito de não gostar e dizer mal. Nem eu quero, de resto, dizer mal d'essa gentil tournée que o mestre pianista organisou e de que já os entendidos murmuraram maravilhas. O *Pensieroso* tocado com saber, embora sem relevo, meditações de Bach cantadas por um tenue mas doce e expressivo fio de voz, e o snr. Augusto Rosa recitando poesias pela bocca d'um sorvete de leite e framboezas, como me dizia um amigo que lá esteve, não são coisas que menospreze quem, como eu, tem para a arte da musica e do canto uma sensibilidade infantil, exagerada, mas quasi inconsciente.

Este serão deixou-me apenas uma duvida afflictiva e uma afflictiva certeza: sahi do Instituto duvidando de que Schumann houvesse estylisado, com os graphicos da arte em que foi Mestre, as vagas imbecilidades que o Poeta Lopes Vieira traduziu na linguagem mal rimada das suas *Scenas Infantis*. Trouxe ao mesmo tempo, como se vê, a afflictiva certeza de que o escriptor do *Naufrago* e das *Canções do Vento e do Sol* está irremediavelmente perdido para o culto da palavra rythmica. Metteu-se-lhe em cabeça innovar uma especie de litteratura infantil; n'esse intento escreveu uns livrinhos abominaveis, sobre que eu já tenho visto penderem, enfastiadas e somnolentas, cabeças lourejantes de creanças.

Toda a arte, supponho, deve produzir um anceio de belleza e perfeição. Escrever para infantes é soerguer meigamente o velario de mysterio que a vida lhes occulta, e nunca espelhar ou consagrar o gágáismo, as imperfeições do seu pensamento e expressão. A poesia é decerto a forma de arte mais disposta a seduzir o espirito amanhecente; que ella tente pois propiciar-lhe conceitos de belleza e de verdade, acorda-lo para o conhecimento das coisas, mercê do rythmo embalador e do sensual encantamento das imagens. Os versos do snr. Affonso Lopes Vieira nada accrescentam á pobreza emotiva e intellectual das criancinhas; reproduzem-na, quando muito.

Livro para creanças, admiravel, conheço as *parabolas* de Antonio Correia de Oliveira. Se alguma vez o sentido dos versos está fóra do dominio da sua comprehensão, são ellas proprias quem deseja que lh'o expliquem, anciosas de saber completamente as lindas maravilhas que lá veem. E decoram-nos, repetem-nos cantando.

6 de Abril

Pelo que se deprehende da leitura dos jornaes, a situação politica esteve complicada. Consultei, sobre o assumpto, pessoas graves, affectas ao governo, d'essas que se dizem imparciaes e se orgulham de não ter ideias fixas em politica, e muitas me disseram que as responsabilidades da queda do ministerio, se elle cahisse, pertenceriam aos monarchicos. Porquê? Porque os monarchicos, não tendo agora motivo de receios no concernente á sua integridade physica e havendo recebido do governo certas mercês desejadas, como essa amnistia, nunca deveriam possuir-se do furor da organisação a ponto de sobresaltarem com paradas de força imponentissimas, a digestão dos partidos republicanos.

Não extranhemos o bisarrismo da observação; ha cinco annos que todo o fiel patife republicano julga ser um direito expresso na Constituição do paiz, esse de insultar e aggredir monarchicos e de trazer a nossa vida e as nossas ideias sujeitas ao seu contrôle policial. Assim se creou em Portugal, ao redor da Causa Monarchica, um ambiente de desconfiança e subserviencia, a ponto de nós proprios instintivamente descobrirmos um requinte de tolerancia ou de bondade na minima concessão que os governos se dignam fazer-nos. Quando, ha um anno, a mulher de Caillaux matou Calmette, a *Action Française* publicou, como *en-tête*, em grandes caractéres, esta apostrophe sangrenta: — *République de voleurs et d'assassins!* Se algum jornal realista portuguez ousasse maltratar por esta fôrma o regimen vigente, tenho a certeza de que os proprios monarchicos córariam, ao lê-lo.

Ora supponho que um dos mais bellos actos do snr. general Pimenta de Castro será o que intente pôr ponto final em semelhante equivoco. S. Ex.ª consente que os seus inimigos corram o paiz predicando revoltas e não se lhe dá que o inscrevam, entre chufas e risos, nos quadros clinicos da pathologia. Não será, pois, exagerado esperar da sua alta justiça que nos conceda o direito de plantar ideias de ordem onde outros semeiaram a indisciplina e de lhe pedirmos que envergue uma farda quando se lhe offerece impunemente — um collete de forças.

* * *

Para mim, que me sinto exilado na brava charneca da politica, o mais bello successo d'estes dias foi o apparecimento da *Contemporanea*. Não posso agora, por escassez de tempo, detalhar miudamente todas as pequeninas coisas que me encantaram n'este generoso tentame a que se atreveram alguns moços artistas de Lisboa. Aconselho ao leitor que o analyse a vêr se não concorda com o que eu penso em dizer-lhe brevemente, n'esta mesma revista.

João do Amaral

POR

FRANCISCO VILLAESPESA

A juventude intellectual e a politica hespanhola

Em toda a nossa historia não se regista um exemplo de passividade semelhante ao que está dando a actual geração litteraria hespanhola.

O desdem olympico dos intellectuaes pela acção, faz com que os Sanchos que desgovernam esta ilha, nos olhem com o mais aggressivo dos desprezos e que o povo se não interesse como deve pelo nosso labor exaltante de todas as grandes forças da Vida.

Se nos fecham as portas de tudo quanto signifique a intervenção publica, é por nos acreditarem incapazes de as fazer saltar em estilhas.

A' frente da nação encontram-se os mais servis ou os mais decrepitos cerebros, enkistados nos mais rançosos prejuizos, sem miolo para conceber uma orientação politica que se harmonise com as necessidades da vida moderna. Os seus programmas regeneradores fazem reclame aos compassos fanfarrões do hymno de Riego ou ás notas graves d'um *Te-Deum*.

O nosso paiz continua sendo o dos turnos. E' isto o que os velhos se arrogam para competir com os jovens.

Até aqui, os louros eram o attributo d'aquelles a quem as cans nevavam a fronte, e d'este modo a cada consagração correspondia um funeral. O labor da juventude é mais admiravel porque é heroicamente desinteressado. Sabe de antemão que praticamente nada fará e conforma-se acariciando a esperança de descontar phantasticas lettras sobre o futuro e a cincoenta annos de vista.

Se essa juventude não houvesse dado o glorioso espectaculo da sua abnegação e constancia, podê-la-hiam taxar de pusilanime. Mas todos sacrificamos os melhores dias da nossa vida nas azas do mais alto dos ideaes: luctamos contra todos os obstaculos e contra todas as miserias, impondo-nos depois de heroicos sacrificios e fazendo calar os ultimos vagidos de uma arte rhetorica e esteril.

Porém, a multidão é-nos hostil. Porquê? Porque nos viu e nos julga ainda encastellados nas nossas torres de marfim assistindo impassiveis á grande bancarrota nacional. Não sabia e não sabe — porque aquelles que o deviam dizer se calaram miseravelmente — que isto que chamam arte decadente é a mais forte, a mais original e poderosa das nossas lettras e que na solidão do seu isolamento as nossas pennas traçavam, e traçam ainda, o mappa ideal da Hespanha futura.

Houve até momentos historicos em que os cenobitas deixaram o ermo para avivarem nos caminhos e nas praças o grande incendio da indignação popular. Por exemplo, quando se tratou da apparição da *Electra*. Fundou-se a revista que tinha aquelle nome e em torno d'ella agruparam-se todas as forças vivas da Hespanha renascente.

Nas suas paginas foram expostas as mais atrevidas, as mais subversivas ideias no que diz respeito á mentalidade. E aquelles doze numeros juvenis influiram mais na cultura nacional que todas as propagandas dos politicos.

Eramos, porém, demasiado jovens. Necessitavamos uma indicação, a espada do heroe que nos havia de indicar o vertice da montanha que tinhamos de escalar, e a mestre Galdós faltou-lhe então o gesto épico de Zola no seu *J'accuse*.

Voltámos depois a estremecer de esperança quando se realisou a celebre conferencia de Unamuno, a proposito do militarismo. Porém, o sabio reitor da Universidade de Salamanca, que no final de contas, como todo o philosopho profissional, é burguezmente pratico, carecia por completo de irrequieta audacia, sufficiente para jogar a sua cathedra, a sua reitoria, e em vez d'aquellas verdades salvadoras e luminosas que annunciavam os seus coripheus, entreteve a nossa attenção com vistosos fogos pyrotechnicos de phrases e paradoxos.

Depois, desenganados, continuámos a nossa forçada passividade, vendo das torres de marfim em que nos encontravamos, como o bandoleirismo repartia entre si a tunica d'este paiz com a cumplicidade comprada de uns tantos ou quantos lacaios da penna.

Na realidade, estaremos nós privados d'aquillo que, segundo Goe-

the, é a condição essencial da vida — a acção? Será o nosso fim, o sermos simples semeadores destinados a atirar á terra a semente, para que outras gerações colham os fructos? Não o acredito. Porque o facto é que o individualismo hoje imperante, nos separa uns dos outros e perdemos o nosso tempo e forças, combatendo-nos esterilmente emquanto os mais habeis na vida — que na Arte costumam ser os mais tolos — se aproveitaram das nossas differenças e as exploraram em seu favor.

Para mais, não temos fé em nenhum homem politico. Não lhes concedemos belligerancia mental. Estamos já cansados dos turnos politicos e dos partidos regulamentados de opposição.

Mais do que a todos os nossos soberbos estadistas nos deve a nós o paiz. Nunca o desmembrámos com a nossa rapacidade, nem o sangrámos em guerras cujos rios de sangue se converteram para muitos em rios d'oiro, nem adulámos as suas mais baixas paixões com o chamariz de programmas e promessas irrealisaveis. Em troca, demos-lhe uma nova edade d'oiro, e hoje os nossos artistas, esses *cavalleiros do Renascimento* de que falla Vargas Vila, são os unicos embaixadores acreditados que sustentam condignamente o prestigio de Hespanha no extrangeiro.

O nosso erro foi acreditar que eramos um paiz morto e que ao fechar a sete chaves o sepulchro do Cid, fechavamos tambem a forte e altiva vontade castelhana.

A grande força nacional dorme no coração das multidões. O milagre de a despertar será obra de artistas.

Pódem estas luctas influir negativamente no nosso labor litterario? Não. Victor Hugo, Lamartine, Espronceda, Zola, e tantos outros foram, além de grandes artistas, intensos agitadores de multidões, e este apostolado deu á sua arte uma grande força vital. O proprio D'Annunzio interveiu tambem na causa publica e isto não o impediu de escrever algumas das mais bellas paginas da litteratura moderna.

Temos o dever de fazer uma Patria e a nossa arte deve penetrar no sólo da Hespanha para n'elle arreigar como que uma seiva fabulosa e centenaria, e prestar força e armas a todas as violentas inspirações da raça.

Artistas, descei á grande planicie a accender com o vosso verbo de fogo em cada coração uma lampada de oiro ao porvir! Infiltremos no velho organismo politico, antes que elle se decomponha, todo o ardor e todo o enthusiasmo do nosso sangue juvenil. Além de que a politica foi sempre uma arte. Para os grandes estadistas, a arte de elevar o nivel moral e material de um povo exaltando todas as forças vivas da raça;

para a maioria dos politicos hespanhoes, a arte de enganar um paiz para o explorar.

Um poeta que parte para o mysterio.

Perante esta romantica adolescencia que assoma aos umbraes da vida, ajoujada sob todos os dons da primavera, sinto resuscitar, d'entre as minhas recordações, a visão fugaz e imprecisa da primeira juventude. Volta de novo a resoar aos meus ouvidos a balbuciante harmonia d'aquellas ingenuas estrophes, escriptas, para illudir a vigilancia paterna, no estuque das altas paredes, ou gravadas na casca das arvores mais occultas do meu velho jardim. E as tranças louras da minha amada priminha Mathilde, tranças fluctuantes sobre o azul escuro do seu fato de educanda, perdem-se resplandecentes na luz doirada do sol, no rodar d'um arco ao longo das labyrinticas avenidas assombreadas por accacias; e as pupilas negras de Araceli phosphorescem á luz do luar no mysterio calido e perfumado das floridas janellas de grades andaluzas. Mathilde, Araceli — toda a minha adolescencia resuscita ao escutar estes nomes e vem falar-me de novo ao ouvido...

Não é que o livro de Fortin seja um ingenuo tributo primaveril, violetas rosas e jasmins, sobre o seio incipiente d'essas lindas collegiaes cujos nomes sonoros perfumam d'uma doce melancholia as nossas primeiras recordações.

Sob o negro veludo da jaqueta d'este moço imberbe, o coração espera apenas pela mão d'aquella que ha-de vir, e nos seus labios abrazados de febre a canção é bem uma promessa de futuros beijos. Os seus olhos, que conhecem os vivos deslumbramentos solares ao longo dos caminhos que fatigam, esses olhos que leram todos os livros e sondaram todas as profundezas, interrogam o mysterio, abertos, escancarados na anciedade suprema do seu anhelo, esperando sempre a chegada da Presentida.

A primavera insinua-se no ar: advinha-se um como que vago perfume prestes a evaporar-se de uns labios entreabertos, e no rincão mais solitario do parque, sob a vigilancia de uma Venus mutilada, o roseiral do amor sente-se estremecer nas suas mais reconditas raizes, no espasmo augural da eclosão.

As mãos estendem-se, avidas das frescas fragancias e da sêde calida das pétalas. Porém, o milagre do florescimento tarda em cumprir-se e pelas veias diffunde-se a vida tumultuaria, inquieta, atormentada, contrahida

violentamente pela impaciencia da expectativa. E o poeta, não achando ainda uns olhos amados onde se vá reflectir, engana a sua anciedade, comtemplando no limpido espelho da sua arte, todos os gestos, ainda os mais leves, do seu espirito agitado por um amor sentido sem amar.

A *Hora Romantica* será para alguns, um livro falho de sinceridade e as tristezas do seu auctor uma *pose* mais ou menos interessante. Em nome d'uma lei draconiana de hygiene social, aconselhar-lhe-hão a que cante a sã e forte poesia da vida. Ignoram que a dôr, na velhice, na fraqueza ou na renuncia, é, na juventude, o signal mais glorioso da força. Provém, mais do que de taras pathologicas e pessimismos atavicos, da irritante desharmonia existente entre o mais amplo e altissimo conceito da vida, e a mesquinha existencia que os convencionalismos sociaes nos obrigam a acceitar. E' uma rebeldia desesperada, a defeza da individualidade, do eu, da propria vida, contra as imposições do meio e as rapinancias collectivas.

E a inexperiencia dos poucos annos? objectar-nos-hão. A dôr não tem edade. A intuição póde substituir n'este caso a experiencia. Nada é uniforme, e assim como ha plantas tardias, outras ha que apressam a sua floração. As primeiras feridas são as mais dolorosas, precisamente por serem as primeiras. E a sensibilidade precoce, a voracidade insaciavel dos olhos que assomam á vida pela primeira vez e que tudo querem ver e penetrar; a sede que não se satisfaz nunca, esta angustia de pensar, e a dôr de sentir, e a gloria suprema de vir ao mundo com o corpo e a alma em carne viva?

O presentimento de uma realidade dolorosa fere-nos mais profundamente do que a propria realidade, porque a alma se encolhe de temor ante o irremediavel que ha-de vir e a cada momento julga ver surgir de tudo quanto o rodeia a mão estranguladora dos que estão á espreita para se lançar sobre a presa...

Alguns d'esses vorazes folheadores dos indices das revistas, para os quaes a sorte é uma commoda bibliotheca onde está tudo convenientemente rotulado e catalogado, hão-de querer gravar nas ancas d'este novo Pégaso a candente marca d'um poeta em voga. E então, toca a citar uma boa dezena de nomes extrangeiros e a seguir dois ou tres castelhanos, julgando que a personalidade d'um poeta se radica na forma como expressa as suas emoções e na intensidade com que as sente.

Fernando Fortin soube comprehender e aproveitar todos os elementos technicos que os innovadores lhe offereciam. Como as abelhas, sugou em todas as flôres para fabricar o seu favo. Trabalhou para pro-

duzir o mel e á custa d'este, viverão nos tempos futuros legiões de zangãos.

O dogmatismo dos enkistados nas caducas formulas rethoricas, encontrarão tambem n'estas paginas, graves motivos de censura: o rimar consoantes e assonantes na mesma quadra; a troca arbitraria dos accentos nos endecassylabos e alexandrinos. Ignoram que tudo responde á necessidade inilludivel de flexibilisar a rigidez rythmica, de abafar as sonoridades estrondosas de certos metros, para assim expressar, com a maior fidelidade possivel, os mais leves matizes do pensamento e da emoção.

Entre as obras dos novissimos poetas, nada conheço de mais intimamente subjectivo do que algumas poesias d'este volume.

Lêde o *Triunfo del Silencio.* O espirito do poeta apparece desnudado de todas as galas exteriores, fluctuando na sombra como um gnomo escavador de thesouros e mysterios.

A sua poesia é toda alma. A technica, o artificio do que é de todos porque é a parte instrumental da arte e obedece a uma modalidade do intellecto moderno, desfaz-se, desapparece, e só fica a interrogação angustiosa de uma alma ante o inexplorado. N'estas poesias, em alguns sonetos e sobretudo em *Más alto* e *Spes,* o poeta chegou quasi a supprimir as imagens para attender principalmente á sinceridade das suas emoções. Commove-nos a sua dôr mais profundamente, porque se não exalta em gestos desesperados. Possue a melancholica serenidade do consciente.

Escutem:

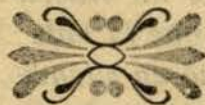
No pensar en nada...
Parecer un muerto...
Creer que la vida
terminó en silencio,
Y que si se vive
se vive en un sueño.

E' ainda nas composições em que, com uma maravilhosa plastica, evoca *Visiones Galantes* de outros dias mais bellos, sem uma unica mancha violenta de luz que perturbe a harmoniosa sobriedade do conjuncto. Prefere o desenho á côr; foge dos tons azedos, das notas asperas, buscando em troca as grandes pausas, os largos silencios, porque n'elles sentem melhor o rythmo interno da sua alma. Ama as penumbras, onde os seus olhos, livres da cegueira da luz, podem distinguir e separar os matizes mais inverosimeis.

Recuerdos de Infancia é, para mim, a mais admiravel d'estas paginas bellissimas. O poeta põe-se a recordar, e as coisas e os seres vão surgindo lentamente, suavemente, como paysagens floridas por entre a nevoa doirada e matinal de uma primavera de sonho. E a imagem, o rythmo e até a rima ajustam-se de tal maneira ao assumpto evocado que parecem uma coisa só; como que o sangue, os nervos e os musculos que exteriorisam as nossas mais tenues sensações.

Poetas, abri caminho a este adolescente irmão enlutado, que vem de muito para lá do mysterio, fatigado ao peso de tantos thesouros! E vós, almas sonhadoras, avidas de idealidades, que bordando sonhos esperaes por detraz das vidraças o passo d'uma silhueta amada, despojae os vossos jardins das mais frescas rosas e cingi com ellas a fronte dolorida d'este novo poeta, quasi creança, que vem do mais longinquo paiz, empallidecido pelo tormento de um amor sentido sem amar!

E o poeta, ha dias, voltou de novo pallido e enlutado ao paiz do mysterio, ás regiões desconhecidas d'onde extrahiu a mais pura flor da sua poesia.

FRANCISCO VILLAESPESA.

Factos e Criticas

Museu Nacional de Marinha

Um apelo aos monarchicos

Como é sabido, a Liga Naval, acatando sempre os objectivos que presidiram á sua fundação, resolveu em 1909 crear um Museu Nacional de Marinha, em que se concentrassem não só as reliquias da nossa antiga tradição maritima, mas ainda tudo quanto podesse servir de norma á expansão das industrias maritimas nacionaes.

Apresentava serias difficuldades a realisação d'este plano, mas com a generosa cedencia das valiosas collecções oceanographicas de S. M. El-Rei D. Carlos I, tudo se dispoz por forma a garantir o exito de tão sympathico emprehendimento. Não havia que esperar mais, e por isso foi alugado o grande Palacio Palmella, ao Calhariz, para n'elle se installar, ainda que a titulo provisorio, o Museu.

Por um decreto de 16 de Dezembro de 1909, foi confirmada a iniciativa da Liga, destinando-se á construcção de um edificio proprio para a installação do Museu e a sua manutenção, a receita prevista no § 1.º do artigo 76.º da carta de lei de 9 de Setembro de 1908. Era o programma de um futuro em que o Museu seria o mais digno representante da tradição nacional.

Mas, nos ultimos tempos, foi o subsidio, a que se refere esta lei, supprimido e nem sequer se mandaram entregar á Liga as quantias que, para aquelle effeito, haviam sido depositadas na Caixa Geral dos Depositos!!!

O Museu continuou, entretanto, a manter-se, e triste seria que elle tivesse de encerrar-se.

A situação era duplamente critica em meiados do anno findo, quando o snr. Conselheiro Jayme Forjaz de Serpa Pimentel tomou a presidencia do Conselho Regional de Lisboa, e seria inevitavel o desapparecimento não só d'esta grande obra oceanographica, que só por si basta para Elevar aquelle grande Rei de tão saudosa memoria, como d'essa aggremiação tão eminentemente patriotica, se tanto o snr. Forjaz de Serpa Pimentel como o snr. Pereira de Mattos, seu secretario perpetuo, não fizessem, por assim dizer, renascer a Liga Naval, com um esforço de tal natureza, com tanta tenacidade, com tanto altruismo, que esta tão sympathica quão util sociedade está tomando um logar de destaque entre todas as sociedades scientificas e recreativas da capital.

Com a supressão do subsidio, arrancado brutalmente ao orçamento elaborado por Affonso Costa, na ancia manifesta, clara, evidente, de tentar aniquilar essa obra grandiosa d'um Rei, a situação do Museu Nacional de Marinha era a peior possivel. N'este comenos fallece o eminente naturalista snr. Alberto Girard, director do Museu. Substitue-o o grande patriota snr. conselheiro Forjaz de Serpa Pimentel e resolve, e muito bem, appellar para os amigos de El-rei D. Carlos, para os amigos de El-rei D. Manuel II, para todos quantos, qualquer que fosse o seu credo politico, saibam e queiram reconhecer o acto brutal d'um destruidor e avaliar o que é essa obra Nacional. E assim se vem salvando esta obra.

Uns, entrando para socios contribuintes da Liga Naval, veem elevando esta e concorrendo indirectamente para a Manutenção Museu. Outros, inscrevendo-se só protectores do Museu ou conjunctamente protectores do Museu socios da Liga com quotas mensaes, semestraes ou annuaes, concorrem directamente para o mesmo fim. Outros teem vindo concorrendo com donativos por uma só vez. E assim já se teem inscripto protectores e doadores do Museu Nacional de Marinha, desde meiados de Dezembro, até agora os Ex.mos Snrs.:

Duque de Palmella, Conselheiro Jayme Forjaz de Serpa Pimentel, Pedro A. de Mello de Carvalho Monteiro, D. Francisco de Almeida, Antonio Pereira de Mattos, Nuno de Freitas Queriol, Conde de Tarouca, Conde de Alcaçovas, Bartholomeu Perestrello de Vasconcellos, Eduardo Perestrello de Vasconcellos, Manuel de Castro Pereira, Mar-

quez do Lavradio, João Perestrello, Conde de Sabugosa, João A. Judice Fialho, Ruy Chianca, Carlos Ribeiro Ferreira. Conde dos Olivaes e de Penha Longa, Visconde dos Olivaes, Antonio Carlos Aguado Leotte Tavares, Antonio Vaz Corrêa de Lacerda, Padre Domingos Manuel Fernandes Nogueira, Dr. D. Thomaz de Mello Breyner, Conde de Sucena, Conde de Cuba, Conde de Ceria, Manuel Ennes Trigo, João Baptista de Lima Junior, Philippe de Vilhena, João Albino de Sousa Rodrigues, Conselheiro Jacintho Candido da Silva, Jayme Moreira de Carvalho, Hugo O'Neill, Affonso de Dornellas, Visconde de Assentiz, Manuel de Oliveira Monteiro, José Adriano Pequito Rebello, Guilherme Charters Henrique de Azevedo, Constancio Roque da Costa, Polycarpo José de Azevedo, Conselheiro João Pereira Teixeira de Vasconcellos, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Antonio da Fonseca Sarmento, D. José de Mello (Sabugosa), Marqueza de Pomares, Dr. Francisco Augusto da Costa Falcão, Marquez de Val Flor, Alberto Monsaraz, João de Paiva de Faria Leite Brandão, Condessa de Penha Longa, Jayme Saragga de Paula Rosa, Conde de Azevedo, Conde de S. Lourenço, Visconde de S. Thiago de Cayolla, Barão de Linhô, Conde de Calhariz, José Monteiro Pereira Carvalhal, Conde de Margaride, Miguel José Gomes Coelho, Antonio Loureiro da Rocha Páris Barbosa de Vasconcellos, Conselheiro D. João d'Alarcão Velasques Osorio, José de Azevedo e Menezes, Guilherme Gomes Coelho, Alfredo Ribeiro de Faria, Dr. Antonio Maria de Souza Sardinha (Antonio de Monforte), Conselheiro da Terra Pereira Vianna, Marquez de Gouvêa, D. Maria Emilia Osorio Cabral d'Alarcão, D. Mecia Mousinho d'Albuquerque, José Aleixo Ribeiro, Luiz de Almeida Braga, Joaquim Leite de Carvalho, Julio B. Worm, Manuel Figueira Freire da Camara, Antonio Costa, Conde de Alpendurada, Jorge O'Neill, Condessa de Arnoso, Conselheiro Pedro Araujo, D. Domingos de Lencastre, Dr. Antonio Faria Carneiro Pacheco, Antonio Manzoni de Sequeira, Antonio Augusto de Souza e Silva, Dr. Alfredo Pimenta, Victorino Froes, Antonio de Azevedo Meyrelles, Ricardo O'Neill, Carlos Mello Costa, Julio de Faria Machado Vieira, Dr. Adriano Xavier Cordeiro, Alexandre de Almeida Garrett, Alfredo Gomes Teixeira Leal, Dr. Mario de Paiva Jacome Francisco Ribeiro da Cunha, Dr. José Tavares Lebre, Eloy Castanha, João Vellez Caldeira, Vasco de Carvalho, D. Domitilla de Carvalho, Antonio Gervis d'Athouguia Ferreira Pinto Basto, Marquez de Ficalho, Aurelio Pinto Castello Branco, Dr. Fernando de Mattos Chaves, Annibal Soares, Oscar Hermenegildo Perestrello de Barros Moura de Souza, Conselheiro Luiz de Magalhães, Luiz Bernardino da Silveira Estrella, Conde de Souza Rosa, Tiberio de Castro Maia Mendes, João Anastacio Gomes, Antonio Bastos, Francisco Gonçalves da Costa Porto, Conde de Arge, Conselheiro Arnaldo de Souza Rego, D. Virginia Lages Ferreira Real, Antonio Pedro da Costa, Eduardo Ernesto dos Santos, Baldomero Garcia Sagastume, Conde de Bertiandos, Macario de Castro, Dr. Ruy Ennes Ulrich, Manuel J. Belmarço, Marquez d'Avila e Bolama, Henrique de Bensaude, Walter de Bensaude, Conde de Carcavellos, Ramalho Ortigão, Francisco de Serpa Machado Pimentel, D. José Maria da Silva Pessanha, Visconde de Pindella, Candido da Cunha Sotto Maior, Conde de Villas Boas, Antonio José Vianna, Condessa da Torre Bella, D. Emilia Viveiros Pereira, Pedro de Azevedo Coutinho, Augusto Fernando Berneaud, D. Antonio de Lencastre, D. Luiz Henriques de Lencastre, Joaquim Xavier de Oriol Pena, Marquez de Alegrete, Dr. Eugenio Maria da Fonseca Araujo, Conde do Paço do Lumiar, Luiz de Freitas Branco, Conselheiro João de Azevedo Coutinho.

Mas não basta ainda, embora seja já muito.

Confia o distinctissimo e dedicado director do Museu Nacional o snr. conselheiro Forjaz de Serpa Pimentel no elevado patriotismo de muitos mais. Confia na alta comprehensão que os bons patriotas devem ter de que é um dever de todos manter e conservar essa grande obra Nacional; e assim de porta em porta se vae pedindo, pedindo, enviando a amigos, a conhecidos, a quantos julgue poder patrocinar esta causa, os respectivos impressos de inscripção.

Para a mesma causa appelamos nós agora. Ajudem todos aquelles que possam esta obra tão meritoria; tão digna, tão patriotica. Vão á Liga Naval. Visitem o Museu. E estamos certos de que todos quantos o fizerem auxiliarão tambem uma e outra cousa: — a Liga Naval cujos serviços dia a dia mais se impõem ao Paiz e que vai ser uma grande força na politica conservadora de Portugal; — e o Museu Nacional de Marinha, que é um alto testemunho da Grande Individualidads do Senhor D. Carlos de Bragança.

Composto e impresso na Typographia de ANTONIO CONCEIÇÃO ROCHA — Rua de Arnellas — AVEIRO.

Summario dos numeros 1 a 9

Summario dos numeros 9 a 16